



CADERNOS
DE ESTUDOS
SEFARDITAS



1º SEMESTRE 2018

Índice

Nota editorial 7

PARTE I – ARTIGOS

SUSY GRUSS – Los poemas inéditos de Yehudá Haim Perahiá sobre el tema del Holocausto 11

DOV COHEN – Uma aproximação à atividade literária do Capitão Barros Basto 61

ANDREA CICERCHIA – Battesimi nascosti all’ombra del ghetto. Sant’Uffizio ed ebrei nello Stato pontificio della Restaurazione (1822-1825) 99

AMÉLIA RICON-FERRAZ – A vida e obra de Ribeiro Sanches. *O Tratado da Conservação da Saúde dos Povos* 123

PARTE II – CRÓNICAS E ENTREVISTAS

ANA M. SANTOS PEREIRA – Colóquio Internacional de Estudos Inquisitoriais (*In*)tolerância, religião, poder e justiça, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 8 e 9 de Novembro de 2017 147

SUSANA BASTOS MATEUS – Memórias, autobiografias y versos de Fernando Pessoa. Una entrevista con la escritora mexicana Rosa Nissán 151

PARTE III – RECENSÕES

JAIME RICARDO GOUVEIA – Angelo Adriano Faria de Assis, Pollyanna Gouveia Mendonça Muniz e Yllan de Mattos, <i>Um historiador por seus pares: trajetórias de Ronaldo Vainfas</i> , São Paulo, Alameda, 2017	167
CARLA VIEIRA – Carsten L. Wilke, <i>The Marrakesh Dialogues: A Gospel Critique and Jewish Apology from the Spanish Renaissance</i> , Leiden, Brill, 2014	172
SUSANA BASTOS MATEUS – Joseph Shatzmiller, <i>Cultural Exchange: Jews, Christians, and Art in the Medieval Marketplace</i> , Princeton, Princeton University Press, 2017	175
MIGUEL RODRIGUES LOURENÇO – Anita Gonzalez-Raymond e Rafael Carrasco (ed.), <i>Las razones del Santo Oficio</i> , Montpellier, Presses Universitaires de la Méditerranée, 2017	178
Notas biográficas	185
Normas para submissão de artigos	187

Carsten L. Wilke, *The Marrakesh Dialogues: A Gospel Critique and Jewish Apology from the Spanish Renaissance*, Leiden, Brill, 2014, 564pp. ISBN: 978-90-04-27402-0.

Esta edição crítica do manuscrito espanhol anónimo “Diálogos de dos hermanos, Obadiah Ben Israel y Andrés Antonio, compuestos en Marruecos”, editada pela Brill, traduz o trabalho de décadas de Carsten L. Wilke, professor na Central European University (Budapeste). Foi em 1988 que o autor tomou pela primeira vez contacto com este texto na Biblioteca Nacional de Jerusalém. Anos mais tarde, em 1994, a investigação e o trabalho de edição desenvolvido deu lugar à tese *Les «Dialogues à Marrakech» d’Estêvão Dias, voyageurs d’Anvers (1581): une polémique espagnole clandestine contre la religion chrétienne. Édition critique d’après les manuscrits*, apresentada à École Pratique des Hautes Études, sob a orientação de Gérard Nahon. Os vinte anos que separam esta versão daquela que surge agora publicada permitiram a Wilke desenvolver a pesquisa em torno da obra, reflectida no estudo introdutório que acompanha a edição da fonte e que a permite situar num contexto histórico marcado pela diáspora sefardita no Mediterrâneo e pela emergência da Reforma Protestante no Norte da Europa. Como o autor bem demonstra, “Diálogos de dos hermanos” aproxima estas duas realidades.

“Un flamenco, por nombre Andrés Antonio, habiendo en Flandres entendido que un hermano suyo llamado Bernardo Antonio se había hecho judío, se determinó venir a Marruecos, en donde residía, a

buscarlo.” (p. 202) – esta primeira frase do “Argumento” inicial abre o caminho para o enredo dos “Diálogos”. Andrés acaba por não ser bem sucedido na sua missão e é o irmão, que em Marraquexe adoptara o nome judaico Obadiah Ben Israel, quem semeia a dúvida na sua fé, ao longo de dois diálogos sob o mote da interpretação dos Evangelhos. No final, a resolução da disputa fica em aberto, com Obadiah a dissertar sobre a esperança de ver um dia o irmão abraçar a Lei de Moisés: “Quiera nuestro Señor por su piedad darme su gracia para lo traer a su verdadero conocimiento, para que se meta debajo del yugo de su Ley [...] Porque, además del provecho del ánima, es gran bien estar los hermanos a una” (p. 398).

Uma síntese do conteúdo dos “Diálogos” é apresentada ao longo do primeiro capítulo da chamada “introdução histórica” (“Historical introduction”). Esta resenha revela-se particularmente necessária dado que a presente edição não contempla uma tradução para inglês da fonte. Porém, o pormenor com que o teor da obra é aqui expresso parece-nos suficiente para transmitir uma ideia clara ao leitor que não conheça a língua castelhana.

Apresentado o enredo, Wilke concentra-se na tentativa de resolução das principais questões levantadas pelos “Diálogos”. A circulação clandestina, sob a forma manuscrita, bem como o quase olvido a que o escrito foi votado ao longo dos séculos semearam vários equívocos relativamente à sua datação, local de produção e autoria, problemáticas essas que norteiam a investigação empreendida pelo autor. Wilke

começa por procurar pistas no interior do próprio texto, acabando por discernir uma redacção faseada, embora completa antes do final do século XVI. A identificação das personagens e referências ao longo do texto com figuras e eventos históricos permite delimitar ainda mais rigorosamente a cronologia e conceber uma hipótese sobre a sua autoria.

Wilke identifica Frei Tomé, o eremita agostinho a quem Andrés recorre para se aconselhar após o diálogo com o irmão, com Frei Tomé de Jesus, o autor de *Trabalhos de Jesu* (Lisboa, 1602-1609) que, em finais de Quinhentos, servia de capelão da embaixada portuguesa em Marraquexe. Aleixo de Menezes, na sua hagiografia de Frei Tomé de Jesus, refere a chegada à cidade marroquina de um cristão-novo português, Estêvão Dias, o qual tentou entrar em disputa teológica com o eremita e que, perante a sua indiferença, redigiu um tratado sobre as razões que o tinham levado a abandonar a fé cristã. “The two narratives concord so well that there can only be one conclusion: the Marrakesh Dialogues and the “treatise” of Stephen Diaz, or Estêvão Dias, as he must have been called in his own language, are one and the same” (p. 49) – conclui Wilke.

Com pouco mais do que um nome – Estêvão Dias –, o autor tenta reconstruir o percurso de vida do suposto autor dos “Diálogos”. As escassas referências documentais a indivíduos com esse nome levam-no a relacionar um “Estevan Diaz” mencionado numa lista de impostos da nação portuguesa de Antuérpia em 1572 com o filho de um mercador de Tavira processado

pela Inquisição de Lisboa oito anos antes. Por sua vez, identifica-o com o autor dos “Diálogos” (“I suspect that the Estêvão Dias whom we find in Tavira in 1564 at age nineteen is the same person we rediscover eight years later in Antwerp and seventeen years later in Marrakesh” (p. 57)). Os laços económicos do Algarve com o Norte de África, por um lado, e com a Flandres, por outro, fundamentam esta correspondência, consolidada por evidências internas do texto, como a proliferação de galicismos ou as marcas de um subtexto protestante. Entre a Flandres e Marrocos, Wilke ainda coloca a hipótese de uma passagem do autor por uma comunidade judaica, onde teria sido iniciado no Judaísmo rabínico. Através das referências geográficas que pontuam o texto, nomeadamente ao Império Otomano, às cidades de Veneza, Florença, Roma e Ferrara, e até a Lisboa, tenta encontrar mais pistas para a reconstrução da jornada de Estêvão Dias antes da chegada a Marrocos.

O cruzamento de evidências textuais com factos históricos conduzem Wilke até uma datação mais ou menos exacta das diferentes fases de produção do texto. Considerando o percurso de vida de Frei Tomé de Jesus e supondo que o tempo de escrita da primeira versão do texto coincide com o tempo da acção, a redacção do primeiro diálogo é situada por volta de 1581. As adições a esta primeira versão, bem como o segundo diálogo, revelam indícios de uma composição já fora de Marrocos, num lugar onde o autor teve acesso a outras obras além da Bíblia, algumas censuradas na Península Ibérica e citadas ao longo do texto. Wilke

adianta a hipótese desse lugar ser Antuérpia e de uma versão completa, com os dois diálogos e o argumento, ter sido produzida em 1583. O percurso do texto continua a ser seguido até Veneza de meados da década de 90, onde teria sido redigida uma nova versão.

Ao situar os “Diálogos” na tradição da literatura de polémica, Wilke termina a “introdução histórica” reclamando o carácter pioneiro deste texto, enquanto precursor de um novo género literário que conjuga uma forma inovadora de apologética judaica com um programa prosélico alicerçado no cruzamento e confronto entre os universos cristão e judaico. As virtudes do Judaísmo são apresentadas por Obadia ao irmão Andrés em contraposição com os vícios e a hipocrisia do Cristianismo, bem familiares ao público-alvo do texto, isto é, aqueles que nasceram e cresceram num ambiente cristão e que, na Diáspora, são confrontados com a possibilidade de “regressar” à fé dos antepassados. Wilke classifica-o como “a Jewish guide to conversion that addresses the experience of young male Iberians steeped in the European culture of the Renaissance” (p. 145).

Para a edição crítica, Wilke trabalhou nove manuscritos dos “Diálogos” e dois textos de polémica que incorporam excertos da obra. O texto-base seleccionado foi a cópia mais antiga e menos revista, actualmente conservada na British Library (ms. Add. 10719). Combinando uma cuidadosa análise da transmissão textual e um sólido aparato crítico com critérios editoriais que têm em conta o leitor contemporâneo, Wilke tenta atingir o difícil equilíbrio entre a

acessibilidade do texto, o rigor da crítica textual e a comunicação de uma ideia da “chequered sixteenth-century language that is at the root of the textual transmission” (p. 181). Julgamos que é bem sucedido neste objectivo, apresentando um texto limpo, com notas que não comprometem a leitura mas que contemplam as diversas variantes, complementado por um apêndice com a edição crítica de todas as glosas encontradas na tradição manuscrita.

The Marrakesh Dialogues constitui, de facto, o culminar de um trabalho de inegável relevância não só para o campo da historiografia, como também da literatura e da crítica textual. À história da diáspora sefardita lega a divulgação e fixação do texto de uma obra judaica de polémica que durante séculos circulou clandestinamente cujo valor é inestimável no panorama da literatura produzida por judeus ibéricos no exílio. Esta presente edição crítica, acompanhada por um bem documentado estudo introdutório que situa os “Diálogos” no tempo e no espaço e lança novas luzes sobre a sua autoria e datação, tem o mérito de recuperar do esquecimento um texto que traduz claramente o encontro (e os dilemas e choques daí decorrentes) entre os universos cristão e judaico no Mediterrâneo de finais de Quinhentos.

CARLA VIEIRA

CHAM / NOVA FCSH

Cátedra de Estudos Sefarditas

Alberto Benveniste